PERCEPÇÕES DE MULHERES AUTOINTITULADAS LÉSBICAS SOBRE A VELHICE

Jacqueline Pereira Oliveira¹

RESUMO

Este artigo descreve alguns debates sobre a homossexualidade feminina e a velhice, por meio da definição sobre percepções de mulheres autointituladas lésbicas sobre a velhice. A abordagem buscou contextualizar o caráter sociocultural sobre os padrões quanto a ser jovem e velho, ser homem e mulher, homossexual e heterossexual nesta sociedade. De todo modo, indaga-se a necessidade de compreender a questão do gênero sob a ótica de um fenômeno sociocultural. Nota-se um olhar preponderante na sociedade sobre as mulheres homossexuais, sobretudo quando velhas, que fortalece o preconceito contra essa parcela da sociedade, o que aponta para o fato de que ainda é preciso ampliar as discussões e coibir os argumentos que intensificam a discriminação contra as mulheres em detrimento dos homens. Por fim, considera-se relevante ampliar as discussões acerca da mulher auto intitulada lésbica, tendo em vista seu direito em exercer a sua sexualidade.

Palavras-chave: Homossexualidade. Mulher. Velhice.

PERCEPTIONS OF WOMEN SELF TITLED LESBIANS ON OLD AGE

ABSTRACT

Seeks to describe the major debates about female homosexuality and old age through the description of perceptions of women's self titled lesbians on old age. The approach sought to contextualize the socio-cultural character of the patterns to be as young and old, as to be male and female, heterosexual and homosexual in our society. Anyway, asks the need to understand the gender issue from the perspective of a sociocultural phenomenon. Note is a leading company in looking on, especially when old homosexual women that strengthens the

¹ Acadêmica do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade Pio Décimo. Email: jakpoliveira@hotmail.com

prejudice against this portion of society, pointing to the fact that we still need to expand the discussions and arguments that restrain only intensify discrimination against women instead of men. Finally, we consider relevant broaden discussions about the self titled Lesbian woman in order to exercise their right to their sexuality.

Keywords: Homosexuality. Woman. Old age.

INTRODUÇÃO

Entender as percepções de mulheres autointituladas lésbicas sobre o que representa ser homossexual e ser velho permite compreender em que medida são identificados os efeitos de uma discriminação sobreposta por três categorias, expressas pela condição de ser mulher, lésbica e velha.

Em uma sociedade marcada por padrões de normalidade heterossexual, buscar exercer direito ao pleno exercício da sexualidade, nas mais variadas formas de expressão, pode corresponder ao rompimento do *status quo* em identidade de gênero, orientação sexual e aspectos geracionais. A escrita desse texto se deu a partir de uma inquietação sobre a necessidade de explorar a homossexualidade feminina para além do fato de a mulher auto intitular-se lésbica, também lidar com as questões relacionadas à velhice.

Desse modo, foi realizada uma busca bibliográfica sobre as percepções de mulheres lésbicas em relação à velhice. Para tanto, necessitou-se entender os sentidos produzidos entre o cruzamento das categorias de homossexualidade feminina e velhice, e como estas mulheres veem a velhice considerando o contexto de uma sociedade marcada pela heteronormatividade.

Quanto à abordagem utilizou-se da pesquisa qualitativa, pois neste trabalho a representatividade numérica não foi o alvo de preocupação, mas sim compreender e explicar a dinâmica das relações sociais tendo em vista os debates sobre a homossexualidade feminina.

HOMOSSEXUALIDADE FEMININA

Para entender sobre homossexualidade feminina é preciso conhecer um pouco da história das relações de gênero, bem como saber sobre os

modelos de feminismo produzidos dentro de uma cultura sexista.

Na concepção de Rubin (2003), no que diz respeito à diferença sexual, a cultura é quem impulsiona o sentido dado à questão de gênero. Sendo assim, a cultura se sobrepõe à natureza, na medida em que “se a natureza fornece dados, esses dados mostrariam que a diferença é, sobretudo, cultural” (p.163). Ainda segundo, a autora, o parentesco criaria o gênero, e é nessas relações estabelecidas que se criam os papéis designadas a cada gênero.

É o que Rubin basicamente considera como “conjuntos de arranjos através dos quais a sociedade transformou a sexualidade biológica em atividade humana, estabelecendo e criando modelos no que se refere às expressões do “ser mulher” e o “ser homem”. (PICITTELI, 2002)

Nesse contexto, destacam-se algumas pesquisas que buscam redefinir ou recriar o olhar sobre a mulher, considerando as diferenças entre os papéis sociais e econômicos de homens e mulheres, bem como ressaltando a opressão feminina e as superações no que se refere à conquista de espaços antes reservados apenas para o homem.

Entre os estudos feitos sobre a homossexualidade e as relações de gênero, Louro (2004) apresenta uma análise histórica destacando a relevância do movimento feminista no século XIX. A autora levanta a discussão sobre os grupos de gays e lésbicas considerados minoritários, que buscaram ao longo dos tempos alcançar igualdade de direitos no interior da ordem social existente.

Evidencia-se que a ocultação da sexualidade das mulheres autointituladas lésbicas deveu-se por sua aparição contradizer a ordem naturalizada da heterossexualidade determinada pelo universo masculino.

O movimento feminista buscou a liberdade das mulheres no que diz respeito à sexualidade e o direito ao prazer sexual de mulheres heterossexuais. No entanto deixaram-se de lado as mulheres lésbicas. Ainda assim, setores progressistas também não consideraram as mulheres lésbicas, pois apagaram essa identidade, para que pudesse ser respeitado pela esquerda brasileira, pela intelectualidade acadêmica, pela Teologia da Libertação, pela mídia, e a sociedade em geral no momento pós-ditadura (SOARES; SADENBERG, 2010).

O feminismo tem como marca a desnaturalização da mulher e a inscrição

das desigualdades entre mulheres e homens na cultura, demarcando o conceito de gênero. Assim, se alicerça, principalmente, como uma prática política que questiona qualquer forma de subordinação das mulheres e de aviltamento da liberdade, do direito de decidir e da cidadania.

Segundo Soares e Sadenberg (2010) a lesbianidade não foi assumida como prioridade pelo movimento feminista e as lésbicas passaram a ser um tipo de ameaça, e mesmo com a convivência do feminismo com a lesbianidade, o questionamento à heterossexualidade ficou à margem das discussões, priorizando-se então a agenda relacionada às vivências de mulheres heterossexuais, como a contracepção, o aborto, a esterilização a gravidez e o parto.

A ideia da naturalidade da heterossexualidade foi formada a partir de um produto cultural estabelecido pela sociedade para normatizar a relação entre mulheres e homens, reprimindo assim os arranjos amorosos divergentes dos heterossexuais, tornando as mulheres vítimas do preconceito e da violência.

Mesmo com todo o esforço de não fixar identidades e aprisionar as sexualidades, ainda mantem-se importante a identificação das mulheres lésbicas como

sujeito político feminista no contexto da diferença, marcando o feminismo como uma pluralidade de demandas políticas e epistemológicas (SOARES; SANDENBERG, 2010).

Louro (2004) afirma que o feminismo deu maior visibilidade ao combate à discriminação feminina, com o propósito de garantir às mulheres o direito aos mesmos espaços alcançados pelos homens, seja no âmbito político, familiar ou de trabalho. Nesse contexto, destaca-se o movimento realizado no século XIX que ficou conhecido como a primeira onda do feminismo, cujas preocupações principais giravam em torno da possibilidade de superar diferenças que se traduziam em desigualdades (GUIMARÃES; VIEIRA, 2012).

A segunda onda na década de 60 foi marcada por estudos em diversas áreas do conhecimento, como a antropologia, sociologia, psicologia, entre outras, que apresentam reflexões acerca das desigualdades de gêneros. Tais saberes ampliaram as noções e discussões sobre as questões de gênero e as transformações no papel da mulher através da entrada das mulheres no campo da produção intelectual.

A terceira onda do feminismo foi marcada por questionamentos entre as lésbicas, mulher de cor e feministas do Terceiro Mundo residindo nos Estados Unidos e que articulavam uma resposta à miopia geral do feminismo branco dominante. Diante disso, surgem autoras que trazem outras intersecções no que diz respeito ao sujeito mulher, além da compreensão de gênero. Desse movimento, emergem discussões sobre fatores como raça, etnia, classe orientação sexual, idade, religião. Esses questionamentos caracterizam a terceira onda do feminismo (BECKER, 2011).

Nos anos 80 e 90, estudos sobre a sexualidade assumiram duas principais posições: a que entende a sexualidade como fenômeno da natureza humana e instinto biológico, e a que leva à discussão no campo social e construcionista, em que a sexualidade é vista como uma produção de atividade humana.

Essa transformação do papel da mulher é resultado de um novo olhar, o qual denuncia a disparidade entre os gêneros, pois alguns traços construídos culturalmente foram produzindo um “ser mulher” distante das potencialidades do “ser homem”. Portanto, a identidade do gênero feminino na contemporaneidade é

produto da supressão das similaridades naturais, além da referência à heteronormatividade que, por sua vez tem como consequência a homofobia (PISCITELLI, 2002).

É preciso combater as normas que regulam e materializam o sexo dos sujeitos, como também é importante refletir sobre essas desigualdades entre os gêneros e assim reconstruir o papel da mulher na sociedade atual, considerando relevante entender que os termos “ser mulher” e “ser homem”.

Nota-se a emergência em reconfigurar o significado sobre “gênero”, buscando abandonar a lógica binária mulher/homem como elemento naturalizado. Com isso, pretende-se provocar a desconstrução de concepções antes estabelecidas a respeito do gênero, e do papel pré-estabelecido pela sociedade para cada um.

Torna-se também imprescindível a abordagem sobre o processo de construção de identidade relacionando-o aos papéis das mulheres auto intituladas lésbicas ao longo da trajetória de vida. Para tanto, apresenta-se as argumentações de Stuart Hall (2006), que enfatizam o caráter da mudança na questão das identidades, cujas identificações estão sendo constantemente

deslocadas, pois há pessoas com identidades contraditórias.

A identidade é resultado de atos de criação linguística idealizados no contexto de relações culturais e sociais, porquanto ser heterossexual ou homossexual é resultado de um processo e uma produção de parâmetros culturais e sociais, a partir da referência do que caracteriza um em detrimento do outro. Assim, a identidade do ser homem e ser gay é construído dentro de uma sociedade que cria o que determina o papel do homem hétero e o que o diferencia do homem gay (SOARES; SARDENBEG, 2010)

A identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência, em que a primeira é o ponto relativo ao qual se define a segunda. Assim, o que diferencia o homem da mulher são papéis pré-estabelecidos pela sociedade, culturalmente passados de tempos a tempos (SILVA, 2000)

Nesse contexto, a homossexualidade feminina necessita de afirmação e ser representada tomando em conta que a mulher auto intitulada homossexual, além de sofrer com a posição diante do ato de assumir-se, pode também sofrer com a diferença de gênero, e ao chegar na velhice, podendo também ter que

lidar com um contexto cuja sociedade não aceita envelhecer.

SER GAY, SER IDOSA

Lima (2013) levanta a problemática do duplo estigma, e antigos estereótipos relativos ao ser gay e ser idoso. Essa problemática foi mencionada em todos os doze estudos analisados pelo autor, os quais apresentaram três categorias de abordagem: idosas homossexuais, idosos homossexuais e idosos travestis.

Na pesquisa, os idosos também verbalizaram que o apoio social, da família e dos amigos é fundamental no envelhecimento saudável. Há preocupação dos idosos com o corpo que envelhece, com as mudanças e alterações funcionais decorrentes, e a possibilidade de perder a vitalidade física. Assim, considera-se que existe um duplo estigma, o de ser idoso e o de ser homossexual, e há necessidade de realizar um movimento de mudança no sentido de reconhecer mais os saberes que perpassam essa temática (LIMA, 2013).

Esse duplo estigma pesa sobre a idade e sobre a sexualidade, sendo que a trajetória do idoso, o homossexual em específico, está crivada por estereótipos, do tipo “bicha velha”, como se a idade ou a

degeneração da aparência física o levasse à incapacidade ao erotismo ou à perda da atratividade.

De modo geral, o processo de envelhecer faz parte da experiência de vida e apresenta singularidades com dimensões biológicas, históricas e, principalmente, culturais. Assim, a velhice é uma experiência de relações que envolvem muitas mudanças, com determinantes sociais e históricas, não podendo ser a idade um marco determinante ou um ponto restrito de referência que possa estigmatizar o idoso gay (MOTA, 2009).

Existe, na contemporaneidade, uma forte tendência ao culto à juventude, dando a impressão de que somente jovens belos podem ser homossexuais, o que representa um obstáculo ao exercício pleno da sexualidade no âmbito da velhice homossexual. Sendo assim, a idade não pode ser confundida com atributo de aparência, de felicidade e de prazer, por isso a idade é caracterizada como um regime discursivo e a velhice uma de suas performatividades (POCAHY, 2012).

Butler (1999, citado por Louro, 2004) afirma que as normas regulatórias do sexo têm caráter performativo, isto é tem poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas

repetem e reiteram, constantemente, as normas e os gêneros. Assim, também acontece com o homossexual idoso, o qual também tem que lidar com as limitações que lhes são impostas e com as nomeações atribuídas a eles, tendo que lutar contra essa ótica lançada também sobre o idoso.

Pocahy (2012) destaca que a presença dos idosos em saunas e clubes pornôns, evidencia um exemplo de abertura espaço-temporal que retrata a capacidade de sociabilidade e interação do idoso com parceiros ou pessoas de idades distintas, em contraponto com as significações desqualificantes que circundam a homossexualidade e a relação com o envelhecimento. Em suma, a velhice está mais ligada à uma representatividade social, política e cultural, motivo pelo qual o autor enfatiza que as normas que governam os discursos e, conseqüentemente, moldam o pensar do homem, e os comportamentos instituem um regime de gênero e de normatividade.

Couto e Dagmar (2011) trazem discussões sobre o novo contexto de velhice como sinônimo de um fim, ou seja, a busca por reverter esse processo com o combate e procura ao retardamento da velhice, visando o seu juvenescimento ou juvenilização.

A busca pela juvenilização da velhice é usada como meio de persuadir, através do discurso, às performances físicas e mentais que caracterizam o corpo e mente jovens. Assim, a velhice tem sido positivamente enfocada não como uma sequência da vida ou fase da vida, mas sim como um momento em que deve ser vivido procurando-se manter os aspectos e características do corpo jovem. Daí a necessidade de se conseguir “produzir” corpos resistentes e duradouros, devendo-se para tanto revitalizar o corpo, adotando uma vida ativa e performática (COUTO & DAGMAR, 2011).

Contudo, vale frisar que, quanto mais se quer ser jovem, mais a velhice torna-se algo negativo, o oposto da meta a ser alcançada, ou uma imagem do desgaste e da fraqueza humana, pois não há o entendimento de que a velhice faz parte da condição de vida humana.

Essa visão de desgaste e impotência que a velhice traz, está associada à noção da sociedade do consumo e do capitalismo que considera um sujeito apto quando este ainda possui um nível considerável de produção. Dessa maneira, o envelhecer significa uma transgressão dos papéis considerados pelas sociedades ocidentais contemporâneas, as quais associam

juventude à capacidade de alta e constante produção (COUTO; DAGMAR, 2011).

Essas pontuações feitas por Couto e Dagmar (2011) levam ao entendimento da positividade da velhice e à intensificação da fragilização sobre o que ela representa, definindo-a como etapa natural de fragilização e declínio de vida para promover sua positividade renomeando-a como “terceira idade” ou “melhor idade”, que são enunciados valorativos para o envelhecimento. Nesse sentido, já não se trata apenas do desejo de parar o tempo, mas de fazê-lo movimentar-se em direção contrária, para trás, pois a visibilidade corporal deve estar sempre dada a partir de uma idade anterior.

O cuidar de si tem significado não se permitir mais envelhecer, e dispor todos os esforços possíveis para distanciar-se da velhice. Vive-se, portanto, um processo técnico de rejuvenescimento constante, pois é cada vez mais comum recorrer às cirurgias, terapias, usos de medicamentos, exercícios e cosméticos que, segundo indicações, são capazes de prolongar o estado de juventude.

Atualmente ocorre o redirecionamento das publicidades para captar a atenção desse público que busca não deixar tão evidente sua velhice. Nesse

contexto, a relação do idoso consigo mesmo é norteadada pela lógica da publicidade em uma sociedade pautada, principalmente, pelo consumo, e que quer consolidar a ideia de um corpo perfeito, jovem e que siga os padrões impostos pela sociedade.

Faz-se necessário enfatizar a perspectiva construída de se recusar a velhice, sendo que os discursos encontram-se direcionados à valorização do corpo jovem. Assim, o corpo passa a ser um elemento moldado pela sociedade consumista que enfatiza padrões de beleza e manutenção da juventude, nesse contexto, a velhice não se encaixa, ou seja, ser velho é distanciar-se do atual, do que é bonito, portanto busca-se todos os meios para não envelhecer, ou não parecer velho.

Couto & Dagmar (2011) ainda ressaltam a importância dada à necessidade de atingir os ideais performativos do corpo perfeito. Então, passa-se a vida preparando-se para a velhice, ou evitando seu desgaste, enquanto que o idoso que não se encontra nessa “corrida” pela perfeição fica à margem, sendo considerado improdutivo ou incapaz.

Nota-se que existe uma cobrança inculcada na forma como a sociedade espera que o indivíduo se comporte. Por isso que

ser gay na velhice representa um enorme desafio por poder não ser fácil “assumir-se” gay ou idoso em uma sociedade que concebe o heterossexual como referência para o normal, e busca a juvenilização a qualquer custo.

Contudo, alguns estudiosos, como Alves (2010) mostram mudanças ocorridas com relação ao papel exercido pela mulher auto intitulada lésbica. Dentre as mudanças ocorridas, encontra-se a percepção de que assumir-se homossexual não implica numa escolha de modelo pré-definido, em que já existe um papel de ser “homem” ou “mulher” da relação, como uma escolha por uma identidade de gênero. Por isso, que o passado ao qual essas mulheres se referiram é visto como um tempo em que se devia escolher um lado para ser homossexual, um lado que mimetizava o masculino, enquanto no presente a imagem feminina é resgatada, e há uma relação de troca simétrica e aprendizado mútuo.

A identidade sexual deve ser pensada como algo enraizado historicamente, sendo assim deve-se estar atento para o caráter específico de que os corpos vêm sendo “lidos” ou compreendidos de formas distintas em diferentes culturas, e ainda como ocorrem

as distinções do masculino e feminino (LOURO, 2004).

Os relatos apresentados por Alves (2010) revelam que essa postura de papel de mulher ou homem, na relação lésbica, tendeu a se exaurir ao longo dos tempos, sendo que, nas trajetórias das mulheres entrevistadas, a identidade sexual passou a ser muito peculiar a cada um, ou seja, passou a ser necessário que cada uma das mulheres assumisse um papel definido de estereótipo de homem.

Além desses pontos, outra questão que merece destaque do texto é o valor atribuído à maturidade, pois a ideia do acúmulo de experiências afetivas e sexuais ao longo da vida é importante no processo de afirmação de si. Assim, ela é definida como uma oportunidade de refletir sobre suas escolhas, inclusive sexuais, e se confunde também com o processo de busca de melhorias de qualidade das relações.

A autora deixa claro que essas mulheres se aproximaram das mulheres heterossexuais de suas gerações, no que concerne à valorização da maturidade como sinônimo de experiência de vida. E por fim, conclui que o estabelecimento da relação entre velhice e homossexualidade não significa buscar se há algo específico do envelhecimento de homossexuais, já

que “são as trajetórias de vida, marcadas pelas vivências comuns de determinadas faixas etárias, que podem emprestar ao envelhecimento marcas distintivas” (ALVES, 2010, p.231).

A forma considerada “normal” de viver os gêneros e ainda de viver a velhice se sustenta e é definida de acordo com o que determinada a sociedade, ou melhor, o que ela designa como modo de ser homem ou mulher, velho e jovem, gay e hétero. Consequentemente, não há lugar para aqueles homens e mulheres que, de algum modo, perturbam a ordem ou tentam escapar destes padrões.

No Brasil valoriza-se muito a estética do corpo jovem, enquanto que o corpo velho é bastante discriminado. Assim, é comum ouvir mulheres mais velhas reclamarem da invisibilidade de seus corpos e da conseqüente perda do poder de atração sexual. Para a mulher as marcas e expressões da idade avançada denota preocupação.

No que se refere à percepção da mulher auto intitulada lésbica sobre o seu papel na relação com sua companheira, nota-se mudanças significativas, pois no passado, as mulheres tinham qual papel tinham que exercer na relação, se seria o homem ou a mulher da relação. Conforme

relatos dessas mulheres, hoje há dificuldade até em identificar fisicamente essas mulheres.

Outro ponto que merece ser enfatizado refere-se à lembrança de quanto era difícil reconhecer a própria homossexualidade na juventude. Já hoje veem como mais fácil para a mulher assumir sua sexualidade, já que a sociedade está mais aberta ao entendimento da homossexualidade, e em aceita-la.

As afirmativas dos teóricos que tratam sobre a homossexualidade feminina e a velhice constataam que é importante pensar em identidades sexuais ou identidades de gêneros como uma construção sócio cultural, e sendo assim, tudo que é produzido em sociedade, é desconstruído dentro dela, ou sofre novas configurações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as reflexões apresentadas ao longo do texto, percebe-se que as diferenças criadas e acentuadas pela sociedade, no que se refere à homossexualidade feminina e a velhice, acabam produzindo uma série de entraves

ao direito à liberdade tão mencionada em uma sociedade identificada democrática.

Observou-se ao longo do texto que os papéis “ser homem” e o “ser mulher” fazem parte do processo de produção social, tomados como dados naturais e sempre existentes, e que as mulheres auto intituladas lésbicas sofreram preconceito tanto da família como da sociedade no geral, por ir de encontro aos padrões estabelecidos ou normatizados para cada sexo.

Ao chegar na velhice, essas mulheres notam os avanços ocorridos no que se refere à aceitação da homossexualidade feminina e as diferenças no comportamento da lésbica hoje, que não precisa mais assumir papel de homem na relação. Por outro lado, essas mulheres deparam-se na velhice, com outro problema, o “ser velho” numa sociedade marcada pelo culto ao corpo jovem.

Considera-se importante frisar as mudanças ocorridas na sociedade com relação ao direito das mulheres no exercício de sua sexualidade, pois hoje já se discute e aceita mais a homossexualidade, abrindo-se espaços a novos entendimentos sobre o assunto. Porém, ainda é preciso articular melhor novas ações políticas que permitam que a

mulher auto intitulada lésbica e, principalmente, as idosas, tenham de igual modo seus direitos respeitados.

Por fim, enfatiza-se a necessidade de tornar os discursos ainda mais abertos à defesa da mulher, sendo preciso combater a fixação das identidades normativas e à heteronormatividade que aprisiona, discrimina e limita as pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. M. (2010). *Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina*. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre. Ano 16. n.34. p. 213-233. jul/dez. Disponível em<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_10> Acessado em: 7 de abril de 2014.

BECKER, P. V. (2011). *Feminismos, teoria queer e o empoderamento: desafios teóricos e metodológicos*. Revista do SAJU: para uma visão crítica e interdisciplinar do Direito. V.7, nº1. Porto Alegre, setembro. p. 154-173.

BUTLER, J.. (1999). "Meramente cultural". *El Rodaballo*. Trad. Alicia de Santos. Buenos Aires: Ano V. n. 9.

COSTA, J. F.. (1992). *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. 3 ed. Rio de Janeiro: RELume-Dumará, 1992.

COUTO, E. S. & DAGMAR, E. M. (2011). *Viver para ser velho? Cuidado de si, envelhecimento e juvenilização*. UFRG R. FACED, Salvador, n.19, p.21-32, jan./jun. Disponível em:<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/viewFile/5518/4297>> Acessado em: 26 de setembro de 2014.

HALL, S. (2006). *A identidade cultural na Pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A.

GUIMARÃES, S. G.. (2013). "*Transtornos da identidade sexual*": A medicina lega define a homossexualidade, lesbianidade e transgêneros. III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Universidade do Estado da Bahia. Salvador. Disponível em:<<http://www.uneb.br/enlacandosesexualidades/files/2013/06/Transtornos-da-identidade-sexual-a-medicina-legal-define-a-homossexualidade-lesbianidade-.pdf>> Acessado em: 20 de abril de 2014.

LIMA, P. V. S. F. (2013). *Homossexualidade na terceira idade: revisão de literatura*. Revista Eletrônica Gestão & Saúde. Vol. 4. N.02. p.417-27. Disponível em:<<http://gestaoesaude.unb.br/index.php/gestaoesaude/article/view/507>> Acessado em: 05 de abril de 2014.

LOURO, G. L. (2004). *Um corpo estranho: ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.

MOTA, M. P. da. (2009). *Homossexualidade e envelhecimento:*

Algumas reflexões no campo da experiência. Revista Eletrônica – Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.06, v.1. Dez. p.26-51.

PISCITELLI, A. (2002). *Re-criando a categoria mulher?* In: A prática feminista e o conceito de gênero. Campinas: IFCH/UNICAMP. Disponível em:<<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.ifch.unicamp.br.pagu/files/Adriana01.pdf>> Acessado em 26 de setembro de 2014.

POCAHY, F. (2012). *A velhice como performativo: dissidências (homo) eróticas.* Ex æquo, n.º 26. pp. 43-56

SILVA, T. T. da. (2000). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (org).

SOARES, G. S. & SARDENBERG, C. M. B.. (2010). *Assumindo a lesbianidade no campo teórico feminista.* Disponível em:<http://www.sbsociologia.com.brportal/idoc_download&gid=2186&Itemid=171.>> Acessado em 26 de abril de 2014.